

Tecendo a Vida Com as Mãos: Estratégias de Sustentabilidade e Negociação das Artesãs do Pelourinho na Bahia

ALVES, Carmen de Almeida. UFSCar, carmenaalves@gmail.com; BORBA, Tatiana Santos. IFBA, tsantosborba@gmail.com; MIRANDA, Jucilda Cerqueira. UFBA, juci_miranda@yahoo.com.br.

Resumo

O Pelourinho está intimamente ligado à história de Salvador, por se localizar próximo ao porto e ao comércio do centro da cidade. A partir dos anos 60, o Pelourinho sofreu um forte processo de degradação com a modernização da cidade e a transferência de atividades econômicas para outras regiões da capital baiana. O Centro Histórico foi convertido gradualmente em área de prostituição, marginalidade e violência, considerada hoje como a Cracolândia de Salvador. Mas o Pelourinho também tem outras histórias a serem contadas de trabalho, aprendizado e solidariedade. A exemplo de um grupo de mães vinculadas ao projeto Axé e ao Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI que foram capacitadas em tecelagem manual para gerar trabalho e renda a 40 famílias no início do projeto.

Palavras-chave: Dinâmicas participativas, Economia solidária, Viabilidade econômica.

Contexto

Constituído por um conjunto arquitetônico considerável, o Pelourinho vem desde a primeira metade do século XX passando por uma degradação física e social, acentuada na década de 60 com a transferência das atividades econômicas e com a modernização da cidade para outras regiões da capital baiana. A partir dos anos 70, alguns órgãos públicos instalaram-se na região, ligados ao patrimônio artístico e cultural, além de instituições de intermediação de mão-de-obra, geração de renda e fomento ao artesanato.

As atividades econômicas no Pelourinho foram reduzidas a visitas turísticas às Igrejas e aos poucos museus, ao pequeno comércio local de souvenirs e serviços de reparos, bares e restaurantes. Paralelamente, crescia os níveis de prostituição, roubos, consumo e tráfico de drogas ilícitas, denotando um descaso por parte do poder público ao não promover condições de desenvolvimento sócio econômico na população local. Somente nos anos 80, com a declaração oficial da UNESCO definindo a região como Patrimônio Cultural da Humanidade, o Estado e diversas Instituições Não Governamentais passaram a desenvolver ações culturais e criar postos de trabalho no ramo do comércio e serviços (bares e restaurantes) na tentativa de dinamizar ações que absorvessem a população local como mão-de-obra.

Dentre essas ações, um grupo de mães vinculado ao Projeto Axé e o Programa do Peti demandou capacitação de tecelagem manual e no ano de 2003 a cooperativa foi legalmente reconhecida e aprovada, denominada como Cooperativa Mista de Produtos e Trabalhos de Artigos Têxteis – COOPERTÊXTIL, com uma formação inicial de 40 pessoas (37 mulheres e 3 homens), representando 40 famílias, produzindo peças de artesanato utilitário e decorativo: jogos americanos, almofadas, caminho de mesa, guardanapos, tapetes, colchas de casal e solteiro, mantas, toalhas de lavabo e cortinas, utilizando como matérias primas fios e linhas de algodão rústico e palha de rami. Em que pesem os avanços já obtidos, a cooperativa ainda desconhecia os critérios básicos para a formação do preço de venda das peças confeccionadas e os custos para manutenção e produção. Daí, a necessidade da aplicação da viabilidade econômica como ferramenta gerencial, para uma demonstração real dos custos e benefícios produzidos pelo seu trabalho, porém em uma linguagem própria, dentro de uma perspectiva construtivista.

Resumos do VI CBA e II CLAA

Assim como ocorre na COOPERTÊXTIL, a participação das mulheres é notável nos empreendimentos inseridos na economia solidária urbana. A mulher, provedora da família no que diz respeito à segurança alimentar atua de maneira efetiva como mantenedora da formação da renda familiar, seja como “chefe” de família ou como colaboradora ativa de seu parceiro. No grupo específico, a existência das mulheres é presença marcante, todas com suas histórias de vida que perpassam desde a falta de acesso à educação até de serem responsáveis únicas na criação dos filhos (as) e manutenção da casa.

Além de trabalharem na cooperativa dando conta dos pedidos, fazem a pé entregas, compras e pagamentos dando continuidade da sua jornada de trabalho com as tarefas da casa. Na sede da cooperativa mantém limpo o espaço que inclui uma área externa e um teatro. Uma preocupação comum das cooperadas é quanto ao futuro dos filhos e netos. Este é um fator que aumenta a garra no sucesso do empreendimento, para que possa colher seus frutos garantindo assim a manutenção da família. As dificuldades que essas mulheres enfrentam no seu dia a dia vão desde a perda de entes familiares de maneira trágica à convivência com filhos na prostituição e no uso de drogas. Mesmo com todos esses problemas tão próximos e íntimos, elas não desistem, silenciam seu choro e tecem um novo tecido amenizando a vida em postura de otimismo diário. Este é mais um fator se não resolvido, mas, apenas amenizado, reflete diretamente na forma que elas enfrentam o mercado. Portanto, pensar em controle, há de considerar outros fatores que fazem parte não somente da economia financeira, mas, da vida ou que influenciam diretamente nas relações do grupo conseqüentemente, no sucesso do empreendimento.

Metodologia

Experiência com a COOPERTEXTIL para a construção da viabilidade econômica surgiu da demanda do grupo na dificuldade em comercializar e obter uma renda mínima para os atuais oito integrantes. As metodologias utilizadas com agricultores familiares no semi-árido baiano serviram de referência para sensibilizar e estimular aos participantes da COOPERTÊXTIL na construção de instrumentos para a viabilidade econômica, considerando duas possibilidades: o contexto social e a visão crítica sobre a necessidade da sustentabilidade do empreendimento. Como ferramentas para essa interface foram utilizadas dinâmicas participativas numa seqüência que possibilitasse sensibilizar o grupo até a formação do valor de venda construído pelas cooperadas. O processo para construção da viabilidade foi desenhado considerando todas as dificuldades já tratadas anteriormente, sem desconsiderar os limites educacionais, relacionais e ampliar a percepção de que não é apenas formar preço de mercado que garante ao grupo sucesso econômico e uma qualidade ótima de relação interna.

Participação é conceituada por Bordenave (2007), como uma habilidade que se aprende e se aperfeiçoa e não tem somente uma função instrumental na co-direção do desenvolvimento, mais também exerce uma função educativa. Partindo dessa premissa, pensou-se num primeiro momento, integrar as participantes, proporcionar uma discussão sobre alguns conceitos onde o grupo está inserido e não sabe ao certo do que se trata, a exemplo: economia solidária, solidariedade, cooperação, cooperativismo e sustentabilidade. Desenhou-se um roteiro de oficinas que visava primeiro despertar as questões acima, dar voz a esses atores e atrizes quanto à percepção desses conceitos e como estes interferem na vida e na relação interna e externa do grupo. Sem perder a questão da produção, objetivou proporcionar ao grupo a construção do seu processo produtivo a partir dessa percepção, o levantar os custos que envolvem essa rotina.

Apesar das dificuldades encontradas, o grupo continua acreditando e se dedicando ao que faz e quer fazer com segurança, acompanhando as exigências que o mercado impõe. O fato de se dedicar a uma atividade com eficácia, não garante ao empreendimento ferramentas suficientes para manter a eficiência econômica e autogestionária. O desafio está em caminhar por uma

Resumos do VI CBA e II CLAA

estratégia onde contemple a habilidade de lidar com o mercado e todas as suas imposições, como fornecer elementos que demonstrem de maneira transparente os ganhos e perdas de cada produto, possibilitando assim, a tomada de decisão tanto em relação às formas de produção e todas as suas implicações (qualidade, quantidade, tipo de produto) quanto na relação dos integrantes e na superação de suas dificuldades que vão desde baixo acesso à educação, seja formal ou não, como à necessidade urgente de uma renda para manutenção da família. O equilíbrio entre o mercado e as demais diversidades para Kraychete, (2007, p 39-40) é uma grande dificuldade que:

(...) ao realizar a comercialização, o empreendimento associativo estabelece, simultaneamente, dois tipos de relações: externamente, com o mercado (diferentes tipos de compradores) e suas exigências em relação ao produto (qualidade, classificação, quantidade mínima, preços, etc); e internamente, entre os associados, na definição das “regras do jogo”, ou seja, as implicações, os ganhos, os riscos e as responsabilidades que cabem a cada um no processo de comercialização. Considerando que o grupo já trás sua história particular tecida na história da cidade e que estes elementos compõem os saberes de cada indivíduo, a via para conduzir o terceiro diálogo é fundamental para a construção do processo de autogestão do grupo. Perguntas que necessitam de respostas rápidas e eficientes são constantemente feitas e estas tornam-se aporte para aprimoramento na escolha da metodologia adotada.

Que metodologia pode-se seguir para que o grupo construa a viabilidade econômica da sua produção, sem perder de vista a forma de relação interna e como esta interfere ou impulsiona na permanência do grupo no mercado? Como sensibilizar o grupo para a utilização da viabilidade econômica numa perspectiva que vai além da captação de renda? Em um empreendimento cujo elo entre os seus componentes é a falta de trabalho, exclusão social em diversas estâncias, saber controlar seus gastos, prever ganhos vai além de manter uma contabilidade para discussão de diretrizes econômicas, isto num curto prazo é garantir a sustentabilidade do empreendimento.

Estudo da Viabilidade Econômica

Aplicar a viabilidade em um grupo que ainda não despertou o sentido da cooperação seria mais uma técnica repassada. Sabendo que este empreendimento foi incentivado por programas de políticas públicas no intuito de diminuir o desemprego na cidade de Salvador, dividimos a aplicação em dispositivos para sensibilização e discussão que envolvesse inter-relação, processo produtivo e redes. Para a psicóloga Afonso (2006) a particularidade da oficina é ser realizada em um contexto sócio-institucional com enquadre definido e provavelmente um prazo de realização. E, esse foi o dispositivo utilizado para discutir de maneira lúdica com o grupo.

1ª Oficina: *Retrato coletivo* - A dinâmica utilizada como proposta desenhar um rosto coletivo, não permitindo que a mesma pessoa pudesse completar o desenho. Na discussão sobre a percepção de cada um em relação ao trabalho. a dificuldade maior era de dar continuidade ao trabalho já iniciado, dividir a idéia da concepção da forma do desenho. Esta dinâmica permitiu discutir a inter-relação do grupo, conceitos sobre rede, cooperativismo, solidariedade, cooperação, economia solidária;

2ª Oficina *DRP (diagnóstico rápido participativo)* - Para obter informações pertinentes de maneira rápida, trabalhar-se em assembléia, envolvendo os problemas do grupo, ter uma idéia geral das instituições e como estas, participar na permanência da cooperativa. Esta oficina pode esclarecer o papel da cooperativa na sociedade. Durante o trabalho, uma integrante fez a seguinte colocação: “sem a gente, essas instituições também não existiriam. Não é só nós que precisa deles, eles também, precisa da gente...”.

3ª Oficina *Fluxograma do Produto* - Conscientização do processo produtivo (Figura 1) construção e apresentação pelo grupo do Fluxograma do produto escolhido por cada subgrupo.

Resumos do VI CBA e II CLAA

4ª - Oficina de *Levantamento dos Custos* – A partir do fluxograma, são construídos os custos (Figura 2) que envolvem as etapas considerando a percepção dos participantes.

Considerando as relações de maneira sistêmica, somente depois desse roteiro de oficinas, foi iniciada a viabilidade dos produtos que passaram pelo fluxograma e levantamento de custos pelo grupo. O estudo da viabilidade econômica é mais uma condição que, somada a outras contribuem para a sustentabilidade do empreendimento.



FIGURA 1. Construção do fluxograma da atividade custos de produção



FIGURA 2. Apresentação dos

Resultados

A cada dinâmica aplicada, o grupo demonstrava suas insatisfações em relação à convivência pessoal, expectativa quanto ao apoio recebido das instituições e o mais impactante, foi que durante o diagnóstico rápido participativo - DRP, o grupo pode esclarecer dúvidas quanto aos recursos recebidos e viu sua importância no processo da economia solidária. Uma das integrantes fez o comentário: "... nós somos importantes, para que tudo isso possa acontecer, precisa da gente, e eu pensava que era o contrário..." .

As oficinas foram os dispositivos que deram aos participantes liberdade máxima de expressão, sem medo de errar, de se expor, liberando seu potencial criativo e contribuindo no seu ritmo. A opção por utilizar oficinas de grupo teve como propósito estabelecer a comunicação e a cooperação para descobrir a realidade, levantar e priorizar os problemas. As oficinas criaram um espaço de fluidez lúdico para discutir assuntos técnicos sem o sentimento de instrução, mas de formação pela percepção do grupo. Para tanto, não se pode desconsiderar a negação ao acesso educacional e social. É esse déficit que confirma a necessidade de um "auxílio" tanto na zona urbana quanto na zona rural, assegurando a formação do grupo para que sua independência seja em habilidade para lidar com o mercado seja nas questões pertinentes quanto ao relacionamento interpessoal e falta de uma renda. Fornecendo assim, mais uma ferramenta para a sustentabilidade e continuidade do grupo na construção da autogestão solidária.

Referências:

AFONSO, M.L.M. *Oficinas em dinâmicas de grupo: um método de intervenção psicossocial*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, 159 p.

BORDENAVE, J.D. *O que é participação*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007, 93 p. (Coleção primeiros passos: 95)

KRAYCHET, G. AGUIAR, K. *Economia popular solidária: sustentabilidade e transformação social*. In: *Economia dos setores populares: sustentabilidade e estratégias de formação*. São Leopoldo: Oikos, 2007.